



recontado por  
**SEBASTIÃO ESTIVA**



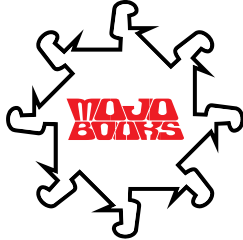
sebastião estiva  
**CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

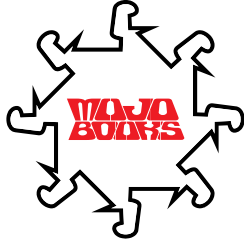


**VOLUME 50**

---

**CUM ON! FEEL THE TOCANTINOISE!**  
**sebastião estiva**

recontado por **SEBASTIÃO ESTIVA**



**VOLUME 50**

---

**CUM ON! FEEL THE TOCANTINOISE!**  
**sebastião estiva**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

**Novembro de 2007**

# SEBASTIÃO ESTIVA APRESENTA:

## Cum on! Feel the Tocantinoise!

01 - (INTRO) Que belo dia para se fazer *rafting* no rio das balsas!

02 - "...e Deus assoviou para os gatos saírem e deixarem ele passar"

03 - Teotônio Segurado's *Day*

04 - Salvo Pelos Karajás

05 - A Tradicional Cavalhada

06 - Maria foi pra Palmas

07 - EPÍSTOLA: "Sobre a final do Campeonato Estadual de 1922 entre o Sporting Boa Vista de Tocantins x Goianieis *Football Club*"



CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!

# (INTRO) QUE BELO DIA PARA SE FAZER RAFTING NO RIO DAS BALSAS!

*Há quanto tempo me encontro  
encarcerado nestes confins?  
Maldito dia em que escolhi  
viajar pela Stella Barros pro Tocantins.*

*Perdi o ônibus da volta  
e com ele carteira, cigarros e um grande amor.  
Os Karajás dos leões me salvaram  
e com eles agora moro de favor.*

\* \* \*

*São simpáticos, mas antropófagos.  
Ja até curto churrascos com morfina  
uma dose antes, nunca falha pra mim  
e no ataque, Renato Augusto e Obina.*



*Mas independente disso, lhe apresento minhas memórias  
dos dias de exílio e esperanças falsas  
como um tobogã de cachaça e ópio  
como um dia de rafting no rio das balsas.*



CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!

## “...E DEUS ASSOVIOU PARA OS GATOS SAÍREM E DEIXAREM ELE PASSAR”

O relógio me dizia 2:30 da manhã quando eu disse *“it’s a long way if you wanna get to Tocantins”*. Eu só poderia chegar lá de dia. Não que eu gostasse do sol, mas já fazia algum tempo que eu não o visitava. Tirei a carteira do bolso, coloquei sobre a mesa onde estava o relógio, tirei o relógio e joguei-o em cima de alguma coisa jogada no chão há dias. Coloquei um quarto de ácido na língua e saí porta afora, lá onde estava a lua esburacada e fria. O prédio era grande, diziam, mas como eu morava no térreo, sempre estive com os pés no chão. Do lado esquerdo avistei um bar recheado de pedreiros desempregados e pescadores sem barcos. Chamava-se, por algum motivo curioso, Ponto do Pão, embora nunca tenha visto um pão a pelo menos duzentos metros dali. Pelo lado direito, alguns coqueiros. Fui reto, não tive tempo ou paciência de olhar se haviam carros trafegando pela rua, só segui minha infalível intuição. O primeiro quase me atropelou, o segundo me xingou e o terceiro me acertou, mas eu posso jurar que não senti qualquer dor. Chamava-se Eliana e gritou comigo, enfurecida, por cerca de cinco minutos, pensei que ia me estran-





gular com palavras. Então caiu em prantos até decidir me levar para o pronto socorro, contra a minha vontade. Eu juro que não doeu nada. Ela começou a falar que o grande problema da humanidade é o trânsito, que atrasa a tudo e a todos, deixando o mundo mais pobre, porque, afinal, tempo é dinheiro, então a melhor solução, já que os carros voadores demorariam um pouco, seria todos os veículos terem câmbio automático, terminando com a demora na partida ou estancamento dos carros. Pensando em centenas de milhões de carros no trânsito esperando o sinal verde para engatar a primeira marcha, isso tudo fazia algum sentido, mas por algum motivo eu resolvi dizer que não, o que a deixou histérica novamente, voltando a gritar comigo. Então ela se deu conta que atropelou um passarinho e começou a dizer que quando você atropela um passarinho é sinal de que você vai morrer e eu só pude ficar calado, com medo da reação da moça, mas quando ela, momentos depois, atropelou o segundo passarinho, eu não pude conter as gargalhadas, e ela disse que duas pessoas morreriam, provavelmente nós dois ou alguém muito próximo de nós. Eu só parei de rir quando ela bateu o carro e foi arremessada pelo vidro da frente. Histérica e idiota, se esquecer de colocar o cinto, enquanto a minha cadeira estava em posição de cama, o que só me deu alguns arranhões na



CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!



perna e alguns pedaços de vidro no cabelo e no rosto. Acordei no hospital com uma enfermeira com a mão por dentro da minha calça, dizia estar testando meus sinais vitais, que pareciam estar sinalizando muito bem. Sem fazer pausa no vai-e-vem, ela me contou como a condutora do carro falecera duas vezes nas mãos dos médicos, que afinal conseguiram reanimá-la. E lá se foram os dois passarinhos mortos, pensei eu, mas soube também que ela ficaria o resto da vida em estado vegetativo. Eu queria sentir alguma culpa nisso tudo, mas a enfermeira não deixou. Quando terminou, se limpou, me limpou e me deu uma roupa que não era a minha, eu já podia ir embora. Na saída, vaguei observando um sinal de trânsito com flanelinhas, vendedores, guardadores de carro e tudo o mais que se encontra geralmente no trânsito, mas todos tinham cerca de trinta anos, homens feitos, barbados e com família e faziam aquele trabalho que sempre fora feito por crianças, o que era mais apropriado. Foi quando eu percebi que também não deveriam ser feitos por crianças porque elas não tinham nada que ficar na rua arrumando uns trocados pra sobreviver, nem esses marmanjos. Sim, os valores da sociedade urbana estavam indo ralo abaixo e eu não ia ficar de fora, o mundo estava fodido e eu percebi que eu não ajudaria muito. Foi quando ela parou ali, na minha frente. Maria — acho que era esse

seu nome, estudamos juntos no colégio uns dez anos atrás, era muito inteligente e casta, não se importava com a promiscuidade das outras garotas, mas vivia num mundo encantado. Eu mesmo fiquei dois anos tentando fazer alguma coisa com aquele par de peitos brancos e grandes, mas ela sabia se esquivar como ninguém. Deu-me uma carona e me perguntou o que eu tomei, disse que um quarto, ela respondeu que a sua casa era amarela, eu disse que meu quarto tinha sido cinza, uma cor legal, então chegamos a sua casa amarela, por volta das três e alguma coisa da manhã. A única coisa não amarela que me chamou atenção foi uma pequena mesa com uma pequena fileira de um pequeno pó branco, achei curioso mas fiquei calado. Ela me fez um café e eu liguei a televisão. Olhei para a mesa novamente, que agora parecia um pouco maior. Ela me contou o que tinha feito nos últimos anos, nada de interessante além de quase ter ido estudar medicina em Cuba e declinar o convite porque tinha medo de avião, daí pra frente a sua vida só despencou, ou foi a minha atenção que não seguiu seu relato, talvez. A mesa cresceu um pouco mais, as pequenas fileiras pareciam cobras brancas de pó, alguma coisa de errado tinha por ali. Eu, enfim, perguntei que diabos era aquilo que não parava de crescer e ela me disse que era, oras, coca e que só o que crescia era meu desejo de cheirá-la,



CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!



mas eu nunca tive curiosidade alguma com aquele troço. Ela foi até a mesa, que já tinha a altura do seu ombro, subiu uma escada e demorou quase cinco minutos para cheirar a primeira e enorme carreira, me convidou mas declinei, aquela mesa era minha Cuba, fiquei com medo de voar. Falei da diferença entre o que eu lembrava dela e o que ela era hoje, ela deu uma gargalhada e eu falei que ela era uma exceção à regra, e foi um erro ter dito isso porque ela começou a dizer que se considerarmos que “para toda regra há uma exceção” é, de fato, uma regra, então teríamos que admitir que existe pelo menos uma exceção para essa regra, fazendo com que uma ou mais regras não tivessem exceção, assim, a regra “para toda regra há uma exceção” se torna inexistente ou nula, mas ninguém pode saber disso, senão o mundo pode entrar num vórtice de improbabilidade e a resposta nunca mais seria 42 novamente. Então eu lhe recomendei cheirar mais uma daquelas carreiras enquanto eu tentava me livrar daquela cadeira que parecia me sugar pra baixo. Ela cheirou com bastante obediência e desceu até onde eu estava, abriu a minha calça e fez exatamente o mesmo que a enfermeira, mas dessa vez com a boca, eu só conseguia pensar no quarto. Ela terminou e me deixou lá, não me limpou como a enfermeira, o que me deixou realmente com raiva. Voltou nua e enfiou as pernas no meio da minha

cara, tomei aquilo como agressão e possível tentativa de homicídio por asfixia ou estrangulamento e mordi a primeira protuberância que vi pela frente, fato que não deve tê-la deixado muito feliz, pois logo em seguida me chutou nas pernas e eu tinha sangue na boca. Consegui me desamarrar e sai pela porta da frente, sabendo que ela estava me seguindo, quando abri a porta e virei pra trás a fim de saber o que me esperava, percebi que estava em outra casa e que quem vinha ali atrás de mim era outra pessoa, olhei minha calça e fiquei bastante feliz em ver que estava tudo limpo ali embaixo, mas não fiquei nada feliz em ver que aquela outra pessoa era a minha ex-namorada, qual o nome dela mesmo? Roberta, Rosângela, Rosimery, Yolanda? Isso não importa, porque a última pessoa que eu queria ver na face da terra escura às quatro e poucos da manhã, segundo o relógio que não estava no meu pulso, então o horário devia ser imaginação da minha cabeça, era justamente ela. Tatiana, sim, esse era o nome. Tatiana, que eu gostava de chamar de Ana por que ela sempre me pedia para chamar de Tati e eu preferia não chamar de Tiana ou Tana, mas isso tanto faz porque ela me chifrou com meu melhor amigo ou eu a chifrei com sua melhor amiga? Tentei fechar a porta, mas ele impediu, tentei correr mas as pernas não funcionaram, tentei desviar o olhar mas estava hipnotizado, a





filha da puta me hipnotizou e perguntou como eu estava, obviamente não estava bem mas disse que estava tudo ótimo, perguntou o que eu tinha, disse que “um quarto”, ela disse que era “pouco”, eu disse que era “o suficiente pra mim”, ela disse “ok” e eu disse “me deixe ir embora, sua vagabunda”. Fechei os olhos na porta da casa e abri os olhos no parque, sentado, o ponteiro marcava quatro e cinquenta e nove da manhã, o dia ia raiar, eu veria o sol, se me deixassem em paz. Mas então veio o policial, que era meu irmão, e me disse que eu não podia ficar ali, só os mendigos. Disse-me para aparecer na casa de nossa mãe hoje para almoçar, pois fazia alguns anos que eu saíra da vista deles. Virou-se e foi embora, meu irmão. Fiquei pensando no quanto as mães e os pais se sacrificam pelos seus filhos, gastam todo o seu dinheiro com besteiras que se tornarão lixo em questão de semanas e com viagens chatas, além de noites mal dormidas de preocupação, eu nunca faria isso, tenho raiva dos pais ruins, mas eu seria um péssimo, por isso nunca me atrevi a ter uma ninhada de filhos aos vinte e poucos anos como todos fazem nessa cidade, porque aqui todos querem casar e ter filhos, muitos filhos, para... Bem, não sei exatamente pra que, talvez por sadismo. Desci na primeira estação de metrô e me percebi indo contra o meu destino, mas teria tempo para ver o sol, ainda não passavam

de três e poucos da manhã novamente. Lá vi um homem seguindo uma mulher e decidi seguir os dois. Ele não era muito bonito e ela era bonita demais, se fosse um filme qualquer, ele a encurralaria num canto escuro e os dois fariam sexo selvagem até aparecer alguém e daí eles fugiriam rindo em direção a um chariz para lavar as partes íntimas e depois correriam para um apartamento, ou hotel, ou casa, ou kitchnette, ou motel, ou bar-raco, ou telhado, ou outra estação de metrô ou qualquer outro lugar para terminarem seus afazeres sexuais. Mas ali, como não era filme, o quarto já fazia bastante efeito, e eles continuavam ad infinitum até que aconteceu o inevitável, o inesperado. Ela sacou um revólver e o forçou a se deitar e tirar a roupa. Ela, com a arma na mão, também tirou a sua roupa e comandou uma das cenas mais instigantes que já vi, confesso que fiquei excitado com as palavras de ordem que ela soltava, ela dizia “põe a tua mão direita no meu seio direito e mexe com meus mamilos” ou “enfia esse dedo aqui atrás e fica estimulando, rápido, anda” ou dizia para ele enfiar o seio esquerdo na boca e sugar como se fosse o último alimento na face da terra ou ainda dizia para ele ficar ali, parado, com ele ereto e galopante até que ela dissesse basta. Infelizmente o pobre homem não agüentou o ritmo da moça ferosa e exigente e, no meio daqueles parcos três ou quatro se-





gundos de êxtase total do gozo, isso seria entre um segundo e meio e dois segundos, ela deu um tiro no seu pescoço e saiu de cima dele lentamente, suja e manchada, sem ressentimentos, mantendo a raiva na face, balbuciou algo como “você nem me esperou, seu filho da puta”, e foi embora. Não sei se mais alguém viu essa cena, mas eu gostaria de tê-la filmado, ficaria dias trancado no quarto assistindo aquilo. Quanto ao homem jogado, não dei bola, tinha de sair dali e fazer alguma coisa da minha vida até às cinco e poucos da manhã quando o sol finalmente apareceria. O quarto, o quarto, o quarto, o quarto, caralho, o quarto, caralho o cara tá transbordando sangue, caralho, o metrô vai ficar inundado e eu vou morrer afogado em vermelho, cor que eu odeio, cor brega, caralho, o quarto, pulei. Estava na praia, mas a praia estava no meio da avenida e eu corri para o primeiro prédio e abri a primeira porta onde estava o porteiro careca fumando um baseado, que me ofereceu e eu declinei, o quarto, sabe como é? Ele ficou me dizendo que o Deus como nos foi descrito era pura invenção, ele já estivera no Céu fazendo uma pesquisa para a sua igreja pentecostal do reino de não sei quem e atestou que lá ocorrem eleições de décadas em décadas para eleger o novo Deus, aquele que regerá a terra e tudo mais, não existe um Deus que criou tudo, mas sim um andarilho que encontrou tudo feito e



decidiu que iria comandar aquele bando de idiotas e interferir na vida de quem quisesse. Mas os deuses por lá também são mortais e tem de ser substituídos, por meio de eleição, com direito a campanha política e tudo mais, eu disse que “votaria no candidato vegetariano” e ele me disse que eu “nunca iria para o céu pelo simples fato de ser católico”, eu não respondi e achei que aquele velho merecia morrer, mas se ele morresse provavelmente iria para o céu, e talvez por isso Deus o deixasse tão velho aqui na merda da terra, para não ter que aguentá-lo no céu, velho filho da puta maconheiro. Fechei a porta e decidi que o velho podia estar certo e podia estar errado, um dia eu saberia, mas o sol estava pronto para raiar e eu estava pronto para qualquer coisa agora. Na próxima porta que entrei, no quarto, encontrei minha sobrinha, de dezesseis anos, com alguns amigos. Eu nunca tinha dado um olhar maldoso sequer para ela, mas vendo-a ali nua enroscada com três caras bem mais velhos, posso dizer que foi impossível. Eles não a penetravam, ela não os estimulava com as mãos ou com a boca, não sei se aquilo era sexo, mas eles se moviam bastante, gemiam bastante, eles metiam os dedos dentro de sua boca, ela fazia pequenos cortes em seus peitorais com uma tesoura de unha, já disse que não gosto de vermelho. Tombei. Acordei com o sol na cara. Apesar de ter tomado só um



CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!




quarto daquele ácido, eu sabia que ele tinha potência pra me manter até o sol nascer e ali estava ele nascendo bem na minha cara, tomando meus olhos de assalto, olhos que desejava cegar por alguns instantes. Maldito segundo passarinho. Acordei atropelado por um carro. Fiquei paralisado e comecei a ver tudo de baixo. As coisas se moviam com rapidez estrondosa enquanto eu começava a sofrer de vertigem pós-altura. Eu estava em cima, bem alto, bem, bem, bem alto olhando tudo deformado. Eu estava no chão de novo, tinha sido atropelado por um carro, estava parado e não tinha sangue, que espécie de carro seria aquele? Tudo doía, tudo doía, a cabeça doía mais, tudo mais doía. O odor estava lá, se fazia presente, mas ninguém cheirava, ninguém olhava, ninguém percebia que eu estava li parado, no chão atingido por um carro, olhando-os de baixo, achando aquilo tudo fantástico, sedento de vontade de ter uma máquina de datilografar em minhas mãos para poder contar a todos as boas novas. Venham irmãos, sejam atropelados, fiquem paralisados, vejam tudo daqui de baixo, a visão é maravilhosa, aqui tudo se faz perfeito nas imperfeições de seus passos. Mas a máquina não estava lá e o sorriso na minha consciência começou a dar espaço para o medo de Teotônio Segurado, aquele medo putrefato e covarde. Um trem vinha, um trem vinha, um trem vinha, um trem vinha,

o trem foi e nada mudou, a visão daqui de baixo ficava cada vez mais maravilhosa e eu cada vez mais entediado, me levantei e peguei o bonde pra casa, perdi a hora do almoço.



CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!

# TEOTÔNIO SEGURADO'S DAY



O trem já havia saído da estação de Palmas há uns dez minutos, e alcançara velocidade suficiente para que Teotônio só visse de relance algo que parecia ser um atropelamento do lado de fora, em alguma rua da periferia rural da cidade que estava deixando. Imaginou quem seria aquele desgraçado. Atropelamentos são sempre muito complicados, então sim, aquele seja-lá-quem-for era um desgraçado. Ainda andava pelo trem, procurando seu lugar. Estava difícil de achar, aquelas plaquinhas com os números dos lugares estavam todas apagadas, “trem velho dos diabos” pensou consigo mesmo. Tinha certeza de não ter entrado no trem errado, afinal o bilhete indicava “Linha [Palmas - Boa Vista] Trem Número Doze — Companhia Ferroviária Goianieises — Cadeira Cento e Noventa e Seis”.

Decidiu parar de procurar e sentou-se em qualquer lugar, o trem estava vazio mesmo. Afinal quem quer ir pra Boa Vista? Por dois minutos, se achou estúpido por ter pagado quatrocentos réis naquela passagem para tentar criar um novo estado federativo tendo em posse apenas um facão de cortar cana. Tomou mais

um trago e a idéia voltou a parecer gloriosa. Tinha de provar para aqueles safados que conseguiria ganhar a aposta. Não é qualquer um que aposta numa mesa de bar que consegue fundar um novo estado na marra. E ele conseguiria. Apostara suas doze cabritas, se perdesse a aposta estaria fodido. Imaginou quanto tempo demoraria para que o fiscal viesse conferir seu bilhete, e toda a enchêção de saco que seria explicar o por quê de não estar no lugar correto. Seriam sete horas de viagem, mas a próxima estação chegaria em apenas duas horas, numa merda de cidade chamada Novo Acordo. Ou seria Novo Alegre? Ou Novo Jardim? Já havia passado uma hora, então se levantou e decidiu repor seu cantil com conhaque. Levantou e percebeu que era o único naquele vagão cheirando a mofo. Caminhou até o próximo vagão e também estava vazio. Não importava, no próximo encontraria alguém pra conversar, pois já seria o vagão-bar, e sempre havia uma dondoca manguaceira ou um ex-magnata do café falido bebendo seus últimos contos de réis naqueles trens que iam do nada a lugar nenhum. Adentrou o vagão-bar. Também estava vazio. “Merda de serviço, pelo menos deixaram as garrafas no bar”. Passou por baixo do balcão do bar e serviu sua própria bebida. Aproveitou para colocar duas garrafinhas de Aperitivo Monarca no bolso. Ninguém estava olhando mesmo. Saiu do bar e



CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!

decidiu andar até o final do trem, passando por todos os vagões. Todos vazios. Chegou até a locomotiva, e então seu sangue gelou. Não havia nem maquinista. Olhou pro teto, havia uma saída de emergência. Pulou, alcançando a janelinha que dava vista pro céu, e com alguma dificuldade atingiu o teto do trem. Não se intimidou com a alta velocidade e o grande descampado a sua volta. Andou na direção à parte de trás do vapor e chegando mais ou menos no vagão do meio, sentou. Sentia-se um deus de Goiás, um espírito da serpente dos Karajás, cortando as cidades com o vento na sua cara. Ninguém mais poderia impedi-lo. Sim, ele chegaria a Boa Vista e cravaria sua nova bandeira naquele chão. Não seria mais Goiás.

# SALVO PELOS KARAJÁS

Acordei depois do pileque no vagão e PUTAQUEPARIU, que fedor... Um cheiro de merda da porra — não de porra, e sim de merda, merda mesmo. Mas não qualquer merda, uma merda pastosa e úmida, a própria escória da humanidade traduzida em bolo fecal, “será que a merda é minha ou é de algum merda cagão, e será que é merda mesmo?” Chequei meu cu e dele que não saiu, então menos mal. Depois do olfato, a visão, e me dei conta que estava no meio da selva, mas que raios? Sozinho, de ressaca e cheirando merda.

A árvore onde estava encostado exalava um perfume que contrastava com o odor pútrido à minha volta; comi umas folhas pra preencher o vazio no bucho. Isso me recuperou por um momento e comecei a pensar um pouco melhor; na verdade eu reconhecia o cheiro, somente um lugar no mundo poderia castigar os sentidos de um homem daquela maneira. Eu estava beirando o Rio Perdido, que cruzava a cidade a oeste e seguia para dentro da selva — devo ter descido bêbado em alguma estação e saí andando, que beleza — sozinho, de ressaca e cheirando merda no meio da



selva com leões à espreita.

Comecei a andar vagorosamente, estava cansado e precisava evitar despertar a atenção dos grandes felinos. Cheguei à beira do rio e por ali comecei a voltar em direção à ferrovia, pelo menos meu velho relógio tinha uma mini-bússola acoplada que, pela primeira vez, serviu de algo. A essa altura já não sentia mais cheiro algum, só queria voltar pro caminho e talvez tomar mais um quartinho ou dois, enfiei a mão no bolso, mas as garrafinhas já estavam vazias há tempos. Joguei-as no rio, mas no meio dele tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio dele e eu não vi, elas se espatifaram e o barulho ecoou selva adentro. Sem esperar um segundo, brotou em minha frente um casal de leões.

Um deles me encarou com seus olhos de diamante, tentei fazê-lo entender “não sou bandeirante, amigo”, mas ele continuou fitando e então senti o cheiro de merda mais forte, só que dessa vez era eu mesmo me cagando de medo. Cerca de trinta metros à frente, percebi que havia um bote abandonado e queria muito que ele estivesse em boas condições. Continuei andando sem dar as costas pro animal, e as migalhas de mim me empurraram e subi no velho bote. Naquela época ainda não estava familiarizado com a lei da atração, só podia pensar que não queria que o bote afundasse, e bastou isso para a água começar a invadir. Não



havia mais o que fazer, então abri os braços enquanto o faminto vinha em minha direção. Mal sabia que leões nadavam, mas pelo menos ia morrer para manter viva uma família ameaçada no centro-sul.

Foi nesse momento de redenção que senti um ventinho na orelha esquerda, e o bicho caiu pra trás. Virei e lá estava um Karajá autêntico, com seu arco e flecha acertando o felino e sua amada. Fiquei triste por um segundo, mas minha vida era mais importante, pensei. Mais dois e mais três deles pularam de dentro da mata, nadaram até o bote quase naufragado, e me levaram em seus braços até terra firme. Desmaiei e só voltei a mim dentro da aldeia, deitado numa rede de palha com uma linda jovem nua cuidando de meus ferimentos. Seu nome era Kurimatutu. Ela era morena. Ela tinha cabelos lisos e pretos. Ela tinha seios bem firmes e redondos para uma índia. Ela tinha um colar com dentes de leão enfileirados. Ela perguntou “de onde você vem, homem branco misterioso?” Eu disse que nunca ouvi falar de Alvorada ou de outro lugar. Ela misturou algumas ervas e me fez um chá. Ela enfiou um pó marrom no meu nariz e mandou eu cheirar todinho. Então a grande árvore no meio da aldeia falou comigo, e finalmente estava em casa. Seu nome era Kurimatutu.



# A CAVALHADA

O terceiro sol ainda nem havia surgido no céu parcialmente escuro de Kroma, mas Quatorze já estava em atividade. Não era todo dia que tinha material novo para seus estudos. Subitamente, seus elétrons reagiram de forma familiar. Não precisou paralelizar seu meta para entender que era Vinte-e-Cinco se aproximando numa velocidade próxima daquilo que muitos chamavam de luz.

— De onde veio a radiação, afinal? — pergunta Vinte-e-Cinco.

— Me parece que da Terra. Finalmente recebemos alguma informação de lá, desde a época em que tinham mania de empilhar aquelas pedras no deserto. Aliás, ficaram de nos enviar as imagens de quando estivesse tudo pronto, mas se calaram desde então.

— Sim, e o que dizem aí?

— Estou terminando o processo de transmatex. Dê-me mais dois nanohertz.

— O...

— Pronto.

— ...k.

Em um canto daquele recinto, uma voz metálica começou a ressoar algo que parecia dizer “Tocantins”, e feixes de luzes coloridas moviam-se rapidamente, desenhando algo que sugeria ser espécimes de animais vestidos com roupas rústicas. Outros animais, do tipo ohm, vestiam trajes igualmente rústicos. Dois grupos principais dos ohm se destacavam: um vestindo azul, outro vestindo vermelho. Em paralelo, a mesma voz antes metálica, agora soturna, narrava o que se via desenhado pelos feixes de luz. Os ohms azuis pareciam subjugar os vermelhos, usando armas de metal igualmente rústicas, e os vermelhos mesmo assim pareciam felizes depois disso. Todos celebravam no final de tudo.

Quatorze e Vinte-e-Cinco assistiram aquilo mais algumas vezes, mas não entenderam o propósito daquelas imagens, e muito menos o porque daquilo ter sido enviado para eles a uma distância tão infinita. Decidiram parar de assistir e foram para o bar.

— Você paga essa, — adiantou-se Vinte-e-Cinco.



# MARIA FOI PRA PALMAS

Carlos estava sentado na Praça Siqueira Campos, quando avistou Maria, seu amor de infância, amor pelo qual se masturbou muitas vezes durante esses quase catorze anos sem se encontrarem. Maria passou e Carlos chamou:

— Maria, me dá um beijo?

— Quem diabos é você? — indagou Maria, aparentemente chateada e apressada.

— Sou eu, Carlos Casagrande de Castro, seu amigo da alfabetização, lembra?

Carlos já estava emocionado, sua calça parecia mais cheia.

— Me deixa em paz, garoto — retrucou a bela filha de Tocantinópolis.

Carlos, como que não tivesse ouvido ou entendido, repetiu:

— Maria, me dá um beijo?

— Não — foi a resposta.

— Por quê? — foi a próxima pergunta idiota.

— Olha pra você, é um mendigo sujo e nojento — disse a venenosa garota mulher.

— Mas nós somos iguais, por dentro somos iguais, podemos nos amar como qualquer ser humano, temos uma perna, dois braços e uma cabeça.

— Eu tenho duas pernas, seu babaca, e estou atrasada, vou embora desta cidade suja e corrupta.

Carlos, alucinado pelo desejo e furioso com a dispensa da garota de seus sonhos, conseguiu apenas perguntar, com a voz embargada:

— Pra onde?

Maria, sem nenhum remorso e com um pouco de prazer em suas palavras malditas, disse apenas:

— Se correr, vais me achar no vôo 271.

Maria fez sinal para um táxi, entrou no veículo amarelo e partiu pra sempre, para algum lugar desconhecido por Carlos. Por quê e para fazer o quê, ele não sabia. Maldito pela vida e esquecido pelo espírito de Zeus, ele olhou para outro lado da rua e viu seu mais antigo algoz, era o Gigante, conhecido carregador de vigas de aço que fazia todo o trabalho sujo do pequeno município. Carlos o olhou com toda a fúria do terceiro mundo, tomou um gole de cachaça Chico Mineiro e elevou soma até atingir o sétimo sentido do Cavaleiro de Virgem e pensou consigo mesmo “À meia-noite te encontrarei no inferno, Gigante malfadado”. Ele



acabaria com a raça daquele malfeitor, nem que isso lhe custasse a sua própria vida.



# EPÍSTOLA: “SOBRE A FINAL DO CAMPEONATO ESTADUAL DE 1922 ENTRE O SPORTING BOA VISTA DE TOCANTINS X GOIANIEIS FOOTBALL CLUB”

Foi em vinte e três de dezembro de mil novecentos e vinte e dois, eu lembro do meu avô contando como se fosse hoje. Foi em Goiânia, toda aquela multidão na arquibancada e os vinte e dois jogadores no campo, morrendo de medo do que poderia acontecer naquele dia. Todos estavam nervosos. Seria uma partida clássica entre os honrados e truculentos homens de Goiânia contra os ágeis e espertos separatistas do norte. O clima não era nada festivo, dizia-se que esta partida poderia mudar a história da cidade, do estado e, quiçá, do país.

E de certo modo, foi isso o que aconteceu. Os árbitros entraram em campo suando frio, o governador estava na tribuna de honra, os radialistas se digladiavam atrás de uma entrevista com o gordo governador, que só fazia rir. Na verdade, ele nunca gostou de futebol, mas tinha queda pelo Dadá, centroavante do Sporting, diziam que se Dadá pedisse, o governador separaria o norte do



CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!

resto de Goiás, mas ele nunca teve a chance de pedir.

Começou a partida. Logo no primeiro minuto, Robert Nelson lançou Dadá, que driblou o goleiro e marcou o tento, mas o governador reclamou, falou tão alto que a platéia toda parou de fazer barulho e os jogadores se voltaram para a tribuna de honra, a fim de ouvir atentamente. Disse que os gols não poderiam sair nos primeiros cinco minutos de jogo, fazendo com que o *referee* marcasse falta de ataque.

Os ânimos esquentaram, muitos xingamentos podiam ser ouvidos no campo, palavras indizíveis para cavalheiros da alta sociedade que eram aqueles jogadores. Aos treze minutos, Sidnelson di Valiqua, o goleiro do Goianieis, reclamou ao juiz, dizendo que fora agredido por um dos jogadores do Sporting Boa Vista de Tocantins, e recebeu uma advertência por estar descaradamente mentindo. Foi quando a confusão começou. O capitão do Goianieis desferiu um chute numa das canelas do árbitro, que prontamente deu-lhe um soco. Os jogadores do Sporting, sem entender nada, partiram para cima do juiz também, foi mesmo muito confuso. Seis jogadores e o juiz tiveram de ir direto para o hospital, já que todos se digladiavam, até jogadores do mesmo time, só para não ficarem parados, o espetáculo não podia parar.

Sem um árbitro, o próprio governador foi ao campo e disse



para os jogadores restantes voltarem às suas posições, pois o clássico seria reiniciado e ele mesmo seria o *referee*. Pelos próximos vinte minutos, eles correram de um lado para outro, mais tentando acertar os outros jogadores do que a bola. Foi quando Mauro Maurício, atacante do Goianieis bateu uma falta com perfeição, encaixando a bola no ângulo, mas ninguém ouviu o apito do governador, que estava parado próximo ao gol, olhando para cima. Os jogadores se entreolharam e depois viram o governador tombar de face para o chão, desfalecido. Então a segunda e derradeira batalha começou e ao redor do governador já falecido, todos os jogadores restantes se chutavam, e a platéia invadiu o campo, uma verdadeira batalha campal. Dizem que a última palavra pronunciada pelo governador foi o nome de batismo de Dadá, Danielson, mas isso nunca será confirmado. Foi a última vez que os dois times se enfrentaram, e esta partida foi usada para promover a criação do estado de Tocantins, mais de sessenta anos depois.

**FIM**

CUM ON! FEEL THE  
TOCANTINOISE!



## SOBRE A BANDA

Sebastião Estiva iniciou seu inovador projeto de gravar um disco para cada estado brasileiro da forma mais rústica e natural possível, em um ou dois dias de sessões, geralmente em seu gravador portátil. Ele usa apenas conhecimentos adquiridos em suas andanças pelo país. Sua discografia consiste, até agora, nos discos *Cum On! Feel the Tocantinoise!*, *The massACRE* e *Sebastião Estiva Ama Zonas*. Um EP intitulado *7 galinhas* foi lançado logo após o final da Copa do Mundo de 2006. Após uma mini-turnê extremamente bem-sucedida por São Paulo e Rio de Janeiro, Estiva lançou seu novo disco *Meu Paranã: Verdades, mitos e falácias*, mais uma pérola fundamental da música contemporânea.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **CUM ON! FEEL THE TOCANTINOISE! – SEBASTIÃO ESTIVA**

Design por Sebastião Estiva

Lançado em Fevereiro de 2006

Selo: P-ME Records

Produzido por Sebastião Estiva

Para mais informações sobre a banda, visite:

**[www.myspace.com/sebastiaoestiva](http://www.myspace.com/sebastiaoestiva)**

## SOBRE O AUTOR

Eis que no meio de tanta música pasteurizada e industrializada surge um Messias da música de vanguarda: Sebastião Estiva. Indo contra a maré mercadológica de refrões fáceis e apelativos, este exímio músico multinstrumentista é um mistério. Pouco se sabe sobre o compositor, que prefere se manter avesso as grandes badalações, deixando apenas com que sua música fale por si mesma. Pode-se dizer que Sebastião Estiva é um músico alternativo popular vanguardista/dadaísta de extrema esquerda conservadora que faz o mais puro redbenze com influências regionais. Após adquirir experiência e status contribuindo com vários músicos marginais pelo Brasil afora, Estiva anunciou seu ambicioso projeto conceitual: lançar um disco para cada estado brasileiro, citando as origens, costumes e lendas de cada região. E agora se aventura pela literatura...

# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

# 50 CUM ON! FEEL THE TOCANTINOISE!

SEBASTIÃO ESTIVA

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. (INTRO) QUE BELO DIA PARA FAZER RAFTING NO RIO DAS BALSAS!
2. IT'S A LONG WAY IF YOU WANNA GET TO TOCANTINS
3. JOAQUIM TEOTÔNIO SEGURADO'S DAY
4. SALVO PELOS KARAJÁS (DEPOIS DE TOMAR UM ÁCIDO EM PERITORÓ)
5. ...E DEUS ASSOVIOU PARA OS GATOS SAIREM E DEIXAREM PASSAR
6. DEPUTADO SIQUEIRA CAMPOS
7. A TRADICIONAL CAVALHADA (INTERLÚDIO)
8. MARIA FOI PRA PALMAS
9. O MENDIGO HERÓI (TOCANTINÓPOLIS CORRE PERIGO!)
10. CUM ON! FEEL THE TOCANTINOISE! (PT1)
11. SPORTING X GOIANIEIS (NASCE TOCANTINS)
12. SÁBADO NO RIO DO SONO
13. CUM ON! FEEL THE TOCANTINOISE! (TOCANTINS ROCK CITY)
14. 500 MUNICÍPIOS... E AUMENTANDO! PODE VIR, GENTE !
15. PALMAS (FAIXA SECRETA DA FAIXA SECRETA)

